

O FENÔMENO DOS BANHOS PÚBLICOS E OS CASOS POMPEIANOS

*Victor Sá Ramalho Antonio*¹

RESUMO: Este artigo busca prover subsídios para o estudo dos banhos públicos romanos no contexto de seus desenvolvimentos iniciais na Campânia romana. Na tentativa de executar tal proposta, este pequeno trabalho consiste em um estudo comparativo de três banhos públicos encontrados em Pompeia em seu ano final, 79 D.C.: as Termas de Stabia, as Termas do Foro e as Termas Centrais. O Foco aqui está na discussão das identidades romanas associadas a estas construções, dentro de um debate mais amplo sobre a romanização da Campânia e os problemas deste conceito.

PALAVRAS-CHAVE: Império Romano, Pompeia, termas, publico, identidade.

ABSTRACT: This article aims at providing subsidies for the study of Roman public baths within the context of its earlier developments in Roman-ruled Campania. Attempting to achieve such proposition, this small piece of work is a comparative study of the three public baths found in Pompeii at the year of its end, 79 AD: the Stabian Baths, the Forum Baths and the Central Baths. The focus here is the discussion of the Roman identity associated to these buildings, in a wider discussion about Romanization of Campania, and the problems with this concept.

KEY-WORDS: Roman Empire, Pompeii, baths, public, identity.

À sociedade moderna, pensar o espaço urbano e as relações sociais que nele se desenvolvem se tornou preocupação saliente e incontornável. Os estudos urbanísticos, arqueológicos e historiográficos centrados no fenômeno das cidades estão mais do que nunca em voga. A busca por importantes casos históricos para o estudo de determinados aspectos da vida urbana encontra no Mediterrâneo Antigo exemplos de sociedades que pensaram as suas estruturas urbanas e seus desdobramentos na vida social. Nessa perspectiva, sítios bem-preservedos, como os casos das cidades da Campânia – notadamente Pompeia – oferecem rico campo de estudo.

Dominic Perring, em *Spatial Organization and Social Change in Roman Towns* (PERRING, 1991), apresenta uma concepção muito valiosa acerca das estruturas urbanas, que deve ser levada em conta no estudo das cidades antigas. Para ele, o elemento visual, isto é, as estruturas visíveis que se sobressaem em meio à paisagem urbana, devem ocupar posição importante na análise do estudioso. Os edifícios reconhecíveis pelos indivíduos que frequentam o espaço urbano – aquelas estruturas que criam sensação de familiaridades ao observador – são estruturas que moldam a vida

¹ Iniciação Científica – Universidade de São Paulo

social, uma vez que atendem a determinadas necessidades daquela comunidade e podem, ao serem estudadas, lançar luz a aspectos da organização social em questão. O que se pretende, a partir do estudo de estruturas espaciais e suas modificações ao longo do tempo, é reconstruir as próprias estruturas sociais e suas mudanças. Contudo, deve-se ter muita cautela com tal espécie de análise, dado que interpretar aspectos imateriais e relações socio-culturais a partir do estudo do espaço construído e da cultura material pode levar a interpretações mais ambíguas ou estreitas do que concretas.

Atividades sociais desenvolvidas em espaços públicos chamam sempre a atenção. A associação de determinados espaços públicos a atividades promotoras de coesão social, com os quais a comunidade local se identifica, faz do espaço urbano e suas edificações objetos de análise de extremo valor. Tendo a antiga cidade de Pompeia como campo de estudo, este artigo versará sobre o fenômeno dos banhos públicos (as *thermae*), analisando os três edifícios encontrados na cidade em 79 a.C. (ano da erupção do Vesúvio): as Termas de Stabia, as Termas do Foro e as Termas Centrais.

Essenciais à vida social romana, e tidos como símbolos de romanidade, os banhos estão entre as construções da Itália, à época da República romana, que melhor servem ao estudo das mudanças culturais promovidas pelo domínio romano; mudanças - que se inserem na discussão sobre identidades - cada vez mais difundida no meio acadêmico - e no debate acerca do conceito de romanização - ou na desconstrução de tal conceito, para onde aponta a obra de Richard Hingley (HINGLEY, 2005).

Paul Veyne destaca um provérbio comum na Roma imperial: “o banho, o vinho e Vênus consomem o corpo, mas são a verdadeira vida.” (VEYNE, 1990, p. 179). A citação decerto revela um aspecto fundamental da sociedade romana do primeiro século imperial: a posição do banho no tempo destinado ao prazer. Jérôme Carcopino, por sua vez, aponta para a higiene e para o cuidado com o corpo como questões subjacentes à construção e difusão das *thermae* públicas promovidas pelos imperadores. O autor cita Juvenal, “*orandum est ut sit mens sana in corpore sano.*”, e Carcopino atribui ao fenômeno dos banhos motivações relacionadas à preocupação greco-romana com o corpo (CARCOPINO, 1956, p. 277). De ambientes comuns à *domus* e à *villa* aristocrática, os banhos se tornaram estruturas urbanas monumentais, a partir do programa edilício de Agrippa em Roma. De lá, difundiram-se por todo o Império, por meio do envolvimento de cidadãos romanos destacados nos projetos de edifícios nas colônias italianas e, posteriormente, nas províncias.

Lewis Mumford atesta que “talvez a contribuição mais característica de Roma

tanto à higiene urbana quanto à forma urbana tenha sido o Banho. Na história dos grandes banhos lê-se a história condensada da própria Roma” (MUMFORD, 2004, p. 248).

No entanto, tais origens são estrangeiras ao Lácio. Edifícios públicos equipados com banhos aquecidos podem ser encontrados no mundo grego, sobretudo na época helenística, ainda que com propósitos e funcionamento diferentes. Como já observara Charles Daremberg “*Bien que le principe des thermes soit grec, les romains l’ont fait leurs*”(DAREMBERG, 1877).

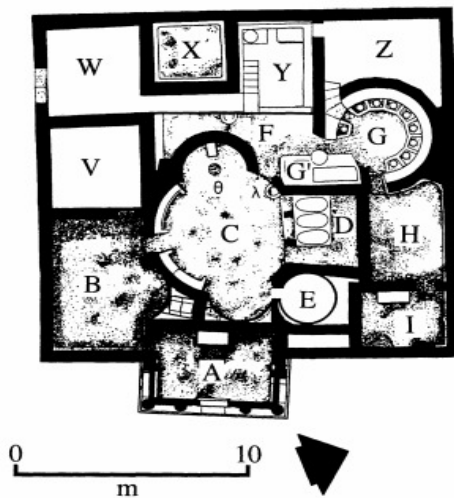


Fig. 1. Gortys. Groundplan of the “Thermal Establishment.” (After Ginouvès 1959, fig. 187)

Estabelecimento termal em Gortys, Arcádia, séc. III a.C.

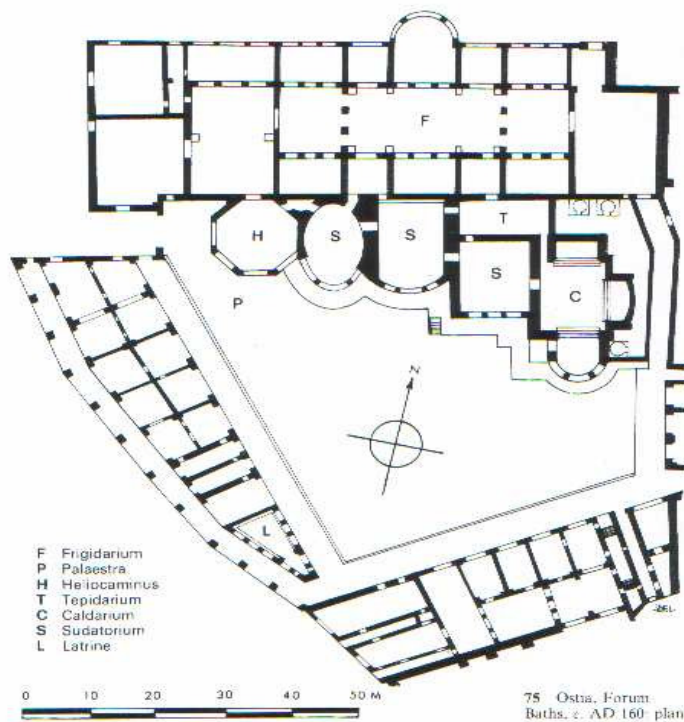
Retirada de: FAGAN, G. The genesis of the Roman public bath: recent approaches and future directions. In: American Journal of Archaeology, vol. 105, n. 3, (Jul. 2001), pp. 403-426.

O modelo de banhos públicos difundido no mundo romano é encontrado na Campânia antes da própria dominação romana. Região de intensas trocas comerciais e culturais entre diferentes povos, a Campânia amalgamou uma série de elementos que deram origem a uma cultura marcada pela fusão de características e práticas locais, gregas, etruscas, samnitas e, a partir do século IV a.C., romanas. Os primeiros estabelecimentos que inconfundivelmente apresentam as características que se consagraram como essenciais das *thermae* surgiram justamente na Campânia. Fikret Yegül denomina a disposição espacial encontrada nesses estabelecimentos de “planos do tipo pompeiano” (YEGÜL, 1979, p. 110). Todavia, o próprio autor ressalva ser impossível precisar Pompeia como o local original do referido modelo de banhos. Autores como Romolo Staccioli preferem denominar o modelo de “tipo Republicano” (YEGÜL, 1979, p. 109). Em questão está a problemática identitária da origem e do desenvolvimento do fenômeno dos banhos públicos no mundo romano.

Maria Paola Guidobaldi e Fabrizio Pesando apontam etapas sucessivas na composição das *thermae*: primeiramente, haveria a característica grega de quartos de

banho bordeando uma palaestra. A isto, sucedem-se a integração entre o espaço utilizado para os exercícios físicos e o usado para os banhos, e uma gradativa especialização e racionalização dos ambientes, havendo o desenvolvimento do *apodyterium*, *destrictarium*, *caldarium*, *tepidarium*, *frigidarium* e *laconicum*, mantendo-se uma sequência padrão). No final da República e no início do Império houve o desenvolvimento e consolidação de um modelo arquitetônico caracterizado por Yegül como “tipo pompeiano” com a separação dos setores masculino e feminino em um primeiro momento. No primeiro século imperial houve a supressão dessa separação e o estabelecimento de horários distintos para uso. Processam-se também o desaparecimento e posterior reaparição do *laconicum* e a notável diminuição da *palaestra*, que passa a ser um elemento marginal.

Com efeito, a questão da identidade assume aspecto chave. Não apenas para se pensar o vínculo das *thermae* à romanidade, mas a própria identidade “romana” do modelo de banho público, mas para se reavaliar em que medida é possível associar os banhos de outras regiões ao fenômeno na Campânia, e se é possível ou não considerar os banhos gregos predecessores e modelos-base dos banhos do “tipo pompeiano”, seja em seus aspectos arquitetônicos, tecnológicos ou quanto aos hábitos e ao papel social desempenhado pelos banhos públicos.



Termas do Foro de Óstia, 160 d.C.

Retirada de: FRANK, S. Roman architecture. London : Routledge, 1998;

O debate também se dá sobre a adoção do hábito do banho público, tanto entre gregos e campanos, como entre os romanos do século I a.C. A instalação da colônia

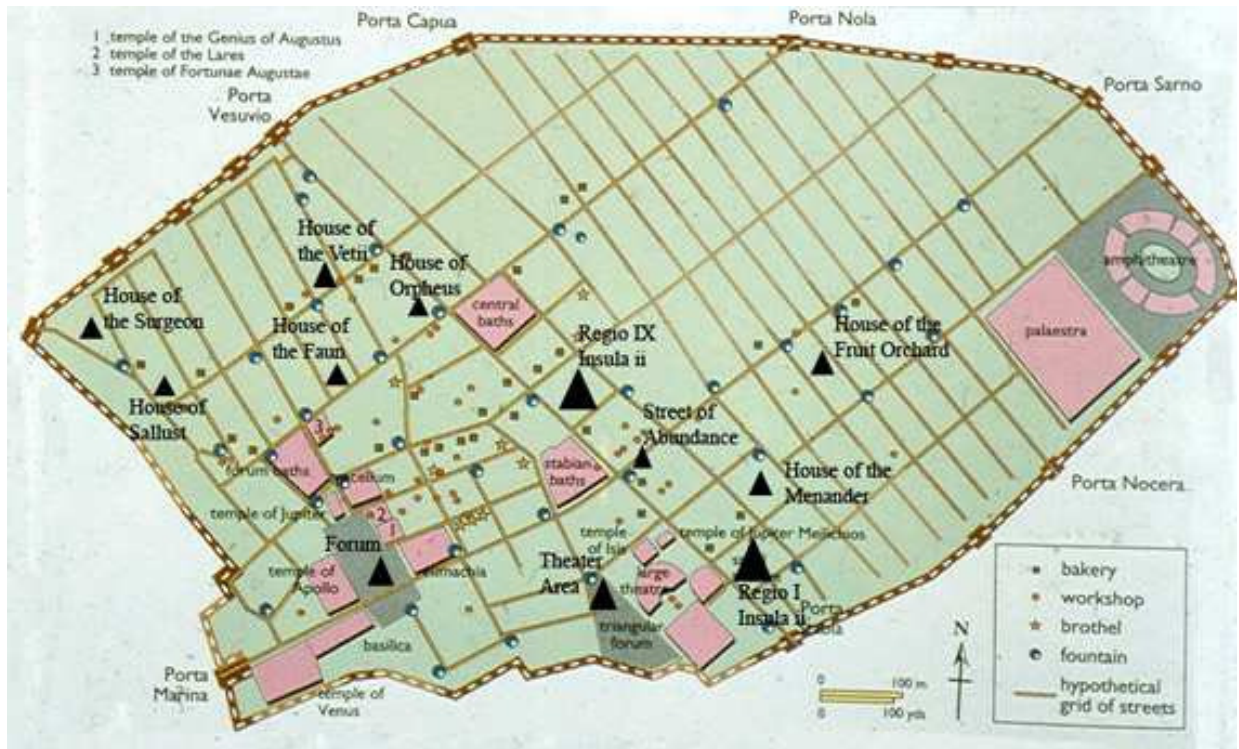
romana em Pompeia e a intensificação tanto do processo de diferenciação identitária como de assimilação cultural têm nos banhos um objeto de estudo fértil.

Seria possível dizer que o hábito campano do banho e suas estruturas físicas particulares foram assimiladas, incorporadas e transformadas pelos colonos romanos, a ponto de não ser possível uma clara atribuição identitária posterior ao próprio fenômeno que, já em suas origens, não possui uma identidade exclusiva?

Observa-se que houve inicialmente uma disseminação centrífuga dos banhos públicos: da Campânia para Roma, onde se difundiram tanto na cidade como em todo o seu império, a partir de Augusto. Transformações decorreram com o aporte de novos conceitos, necessidades e demandas. O novo modelo imperial de *thermae* se diferia notavelmente das estruturas dos dois séculos precedentes, chegando à Pompeia com a construção das Termas Centrais. Tem-se, assim, um movimento circular completo. Os banhos públicos, nos moldes adotados pelos romanos, têm seu início na Campânia; chegam a Roma e a todo o Império; modificam-se; e retornam à Campânia, já sob outros moldes.

Cabe adentrar nas origens de Pompeia. Admite-se o surgimento da cidade no século VI a.C., como uma povoação osca, contudo já com indícios de influência grega (ÉTIENNE, 1965, p. 87). Tem-se que a chamada primeira fase urbanística da cidade perpassa períodos de dominação etrusca (524-474 a.C), grega (474-424 a.C.) e samnita (424-89 a.C.). Paul Zanker identifica três momentos de transformação na cidade: a primeira a partir do século II a.C, quando a cidade samnita é fortemente influenciada pela cultura helenística; o segundo após a fundação da *Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum*, isto é, após a fundação da colônia romana, em 80 a.C; e um terceiro momento sob o Império.

Com o crescimento, Pompeia ganhou novos edifícios públicos, a maioria deles datando da época romana. Os principais se localizam em torno do Foro, nas redondezas do Foro Triangular e no setor sudeste da cidade, caracterizada como uma área voltada ao lazer e entretenimento.



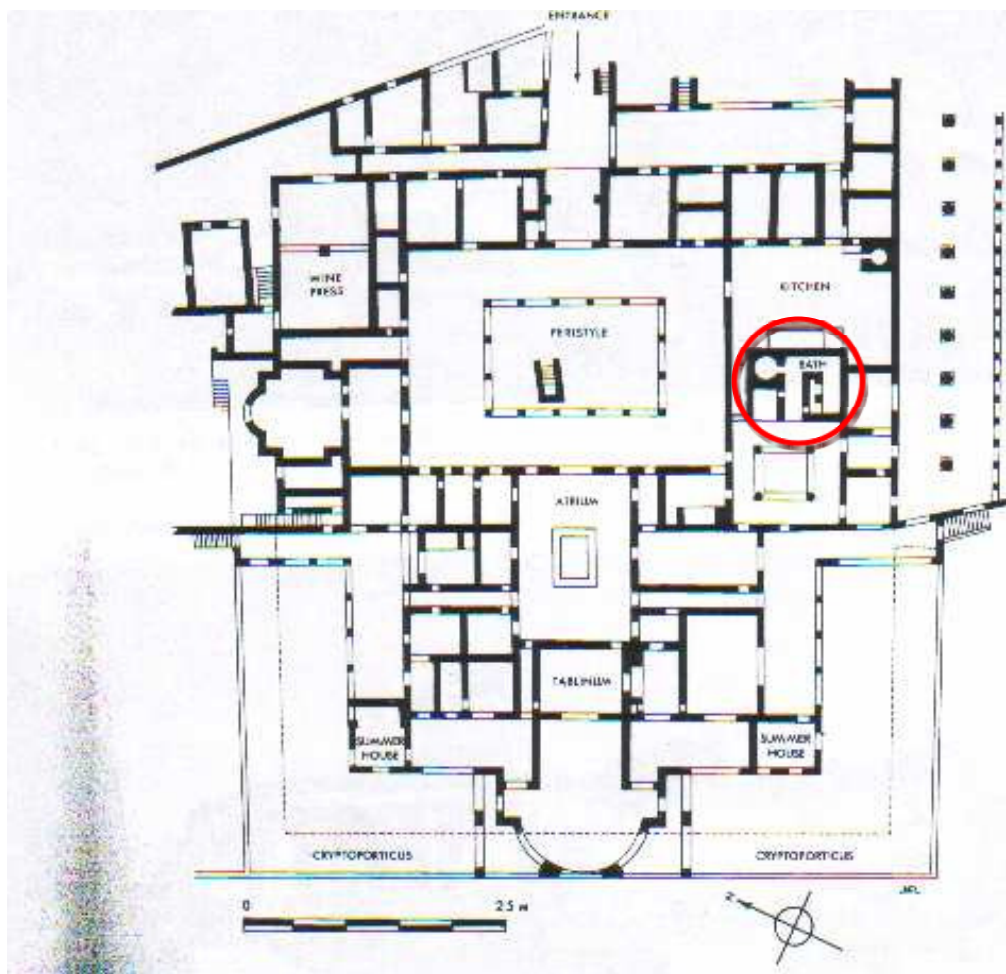
Plano de Pompéia em 79 d.C. - [The Department of Classical and Near Eastern Studies and The University of Minnesota](http://cnes.da.umn.edu/courses/archaeology/Pompeii/PompeiiStart.html)

Retirada de: MAIURI, A. <http://cnes.da.umn.edu/courses/archaeology/Pompeii/PompeiiStart.html>

Acesso em: 16/09/2009

O novo conceito de luxo que a elite pompeiana incorporou do mundo helenístico manifesta-se nas residências monumentais e opulentas, que cada vez mais valorizavam a construção do banho, um espaço voltado à higiene, ao prazer e ao *otium*. Surge, portanto, o *balneum*², isto é, o banho privado, um espaço simples estruturado apenas para os banhos. Do espaço privado, os recintos para o banho quente migraram para o espaço público, e lá se consolidaram.

² “[...] the feminine plural *balneae* denoting the public, as opposed to the neutral *balneum*, or private, bath.” In: CARCOPINO, J. *Daily life in Ancient Rome : the people and the city at the height of the Empire*. Londres : Penguin Books, 1956, p. 277.

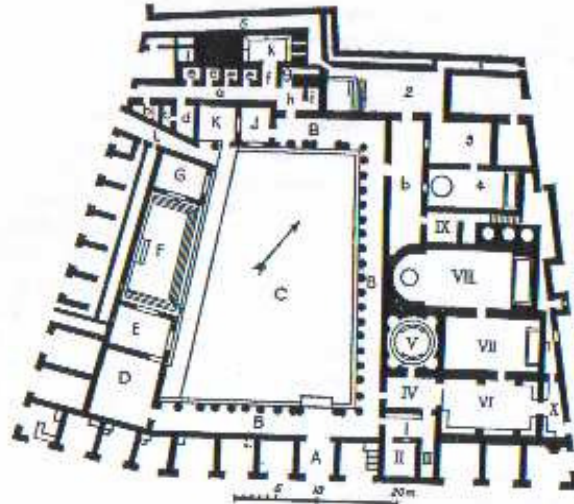


Villa dei Misteri, Pompeia. – Villa romana com banhos privados

Em vermelho, a localização dos banhos

Retirada de: MAIURI, A. Pompei. I nuovi scavi. La villa dei misteri l'antiquarium. Roma, Libreria dello Stato, 1962.

As Termas de Stabia têm sua construção datada do século II a.C. , mas com ocupações sucessivas remetendo ao século V. O esquema apresentado por Eschebach traça origens e influências gregas aos banhos do local, e é adotado por boa parte dos autores, como Paul Zanker e John Carter. Hoje se sugere uma maior cautela ao se remeter as origens das Termas de Stabia a modelos gregos.



Termas de Stábia, 62 d.C.
Retirada de: ÉTIENNE, Robert.
A vida quotidiana em Pompéia.
Lisboa, Livros do Brasil, 1965;

Fig. 17 — Planta das termas de Estábias (em MAU-KELSEY, fig. 81, p. 184)

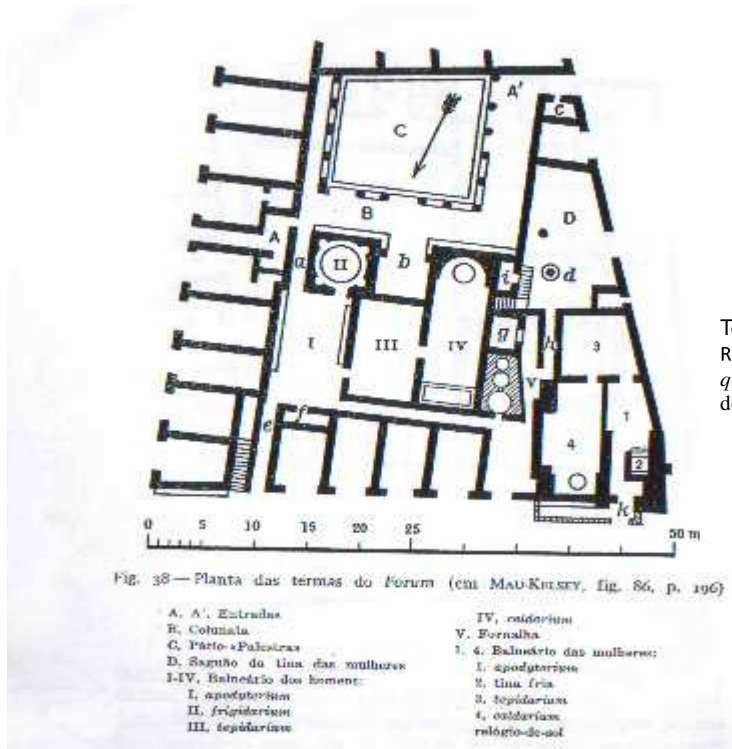
- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| A. Entrada principal | VII. tepidarium |
| B. Colunata | VIII. caldarium |
| C. Palaestras | IX. Fornalça |
| E. Piscina | 1. G. Banheirão das mulheres: |
| I-VIII. Banheirão dos homens: | 1. b: estradas |
| IV. antecâmara | 2: apodyterium |
| V. frigidarium | 3: tepidarium |
| VI. apodyterium | 4: caldarium |

A localização das termas na zona do Foro Triangular reafirma a condição do local como centro de lazer e cultura de Pompeia. Posicionando-se a norte dos principais edifícios do Foro Triangular, os banhos estão no ponto de entroncamento de duas das mais movimentadas vias da cidade: a Via de Stabia e a Via dell'Abbondanza. Além disso, o edifício também tinha entrada pela rua do Lupanar, que era tida como a área mais popular de Pompeia, onde se localizavam habitações baratas e prostíbulos. Dessa forma, as Termas de Stabia se encontram no epicentro da circulação cotidiana de pessoas da cidade; e em proximidade com todas as categorias sociais, dado que tanto o bairro mais popular, como importantes espaços culturais e grandes vias arteriais estavam nos arredores.

O setor mais antigo é o norte, onde se encontravam estâncias para banhos privados e uma grande latrina. O modelo de banhos nele encontrado é o mais rústico: acanhado, mal iluminado, e com celas individuais, tendo sido projetado para prover higiene. Nichos encontrados na ala podem sugerir a existência de banhos de bacia aquecidos (FAGAN, 2001, pp. 403-426), análogos aos banhos gregos. Vizinhos estão a *palaestra* com pórtico colunado, a *natatio* e instalações de serviço. Tanto o *districtarium* (onde os atletas se untavam), como o *laconicum* (uma estufa seca), só foram instalados em Stabia após a construção das Termas do Foro, que apresentavam

tais espaços (atendendo às novas demandas). A combinação da *palestra* com a *natatio* viera a atender às novas demandas de higiene e cuidado com o corpo do período romano da cidade, quando a associação entre exercício e banho tinha por excelência preparar o corpo para o melhor proveito dos prazeres do banho. Dessa forma, a *palaestra* vinha como complemento dos banhos, diferentemente do ocorrido no mundo grego. Pesquisas recentes apontam a origem da *palaestra* local para o século IV (SEAR, 1998, p. 112). Os banhos flanqueando a *palestra* foram construídos no século II a.C, contendo todas as características do que seriam os banhos romanos. Luxuosos, foram equipados com o *hypocaustum*, mais eficaz que as antigas braseiras (encontradas nos banhos gregos e nos campanos anteriores), e com as *suspensurae*, que conduziam o calor do *praefurnium* às salas.

Passando-se às Termas do Foro, um novo modelo arquitetônico é encontrado. O balneário em questão fora construído a fim de atender às novas demandas que a instalação da *Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum*, em 80 a.C., exigia, como aponta Paul Zanker. A chegada dos colonos romanos e a nova situação encontrada pelos locais frente à chegada de um novo contingente populacional com costumes diferentes acarretaram decerto importantes transformações. Construídas ao lado do Foro, visavam à diminuição das distâncias que os habitantes das regiões VI e VII (ambas de elevada densidade populacional) tinham de percorrer para utilizar as Termas de Stabia. Ao se identificar o setor norte de Pompeia como reduto importante dos colonos romanos e da elite pró-romana (ZANKER, 2001, p. 68), a posição geográfica das Termas do Foro justifica-se para satisfazer as novas demandas desses homens. Mesmo já tendo encontrado grande parte dos edifícios importantes erigidos, os novos colonos não demoraram a transformar a cidade e a adequá-la a seus gostos e costumes. Nesse contexto, o Foro assumiu nova condição, recebendo muitos dos novos edifícios.



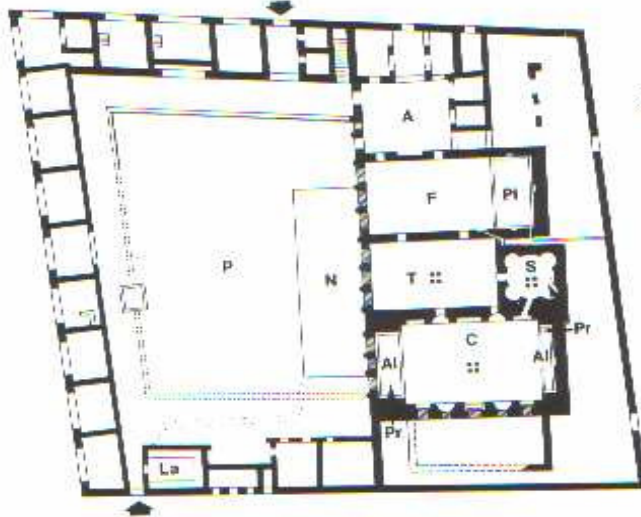
Termas do Foro, 62 d.C.
Retirada de: ÉTIENNE, Robert. *A vida quotidiana em Pompéia*. Lisboa, Livros do Brasil, 1965;

À semelhança de Stabia, as Termas do Foro apresentavam *apodyterium*, *tepidarium*, *caldarium* e *frigidarium* circular, tanto na ala masculina como na feminina.

O espaço destinado à *palaestra* das Termas do Foro serve de importante ponto de comparação entre os modelos de balneários públicos e sua evolução com o tempo. Ao se comparar o espaço diminuto destinado à *palaestra* no Foro – claramente utilizada apenas como acessório dos banhos – com a *palaestra* encontrada em Stabia tem-se um vislumbre do que essa estrutura significava para os pompeianos antes e depois da efetiva chegada romana. Para as populações oscas, a exemplo dos gregos, o esporte seria uma atividade gratuita, como mostra Robert Étienne. Em contraposição, os romanos o entendiam como uma preparação para o banho (ÉTIENNE, 1965, p. 388). Enquanto as Termas de Stabia tiveram sua construção orientada em torno da *palaestra*, os banhos do Foro foram construídos a fim de atender apenas às demandas por banhos.

Por fim, as Termas Centrais. Segundo Robert Étienne, mesmo incompletas em 79 d.C., elas marcam “uma ruptura e anunciam uma nova era da arquitetura termal. Trata-se do maior edifício público construído depois de 62” [data do grande sismo que danificou boa parte da cidade]. A implantação do novo modelo imperial de termas trouxe inovações: a iluminação abundante contrastava com a antiga preferência pela obscuridade, revelando as mudanças sofridas nas demandas, gostos e necessidades ao longo do tempo; a distinta e opulenta arquitetura como resultados de uma nova relação

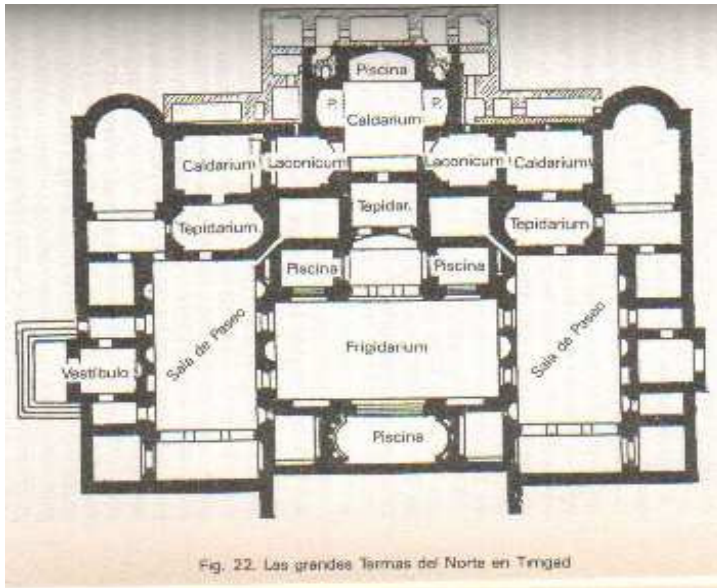
que os romanos passaram a ter com os banhos a partir de Augusto; a supressão da separação entre balneário masculino e feminino; e as próprias salas de banhos. Diferentemente do modelo encontrado nos edifícios precedentes em Pompeia, havia apenas três salas com a distintiva ausência do *frigidarium* – substituído por um inovador *laconicum*. A sequência tradicional das salas foi mantida.



Termas Centrais, 79 d.C.
Retirada de: ZANKER, Paul. *Pompeii*.
Cambridge, Massachussetts, Harvard
University, 1998;

Figure 79 Plan of the central baths, as they were built following the earthquake. The architect based his plan on models from Rome, using windows high up the walls and marble columns. His result suggests that the town had no interest in cost-cutting here.

Como aponta Paul Zanker, é característica importante da época flaviana a crescente preocupação com o aproveitar a vida – em oposição à época moralista de Augusta. Como efeito, o luxo privado, as grandes termas e a arena foram tiveram grande espaço durante o período flaviano (ZANKER, 2001, p. 131). As Termas Centrais são exemplo da arquitetura monumental, do luxo e da supervalorização do espaço do prazer – e podiam ser, segundo Maiuri, os locais mais elegantes e freqüentados da cidade. Houve, pois, uma abertura da sociedade pompeiana às transformações ocorridas fora de seus muros, com o aporte deste novo modelo de balneário. Novas demandas exigiam novas transformações no modelo vigente de banhos.



Termas do Norte, termas Imperiais de Timgad.

Retirada de: GRIMAL, Pierre. *Las ciudades romanas*. Barcelona, Oikos-Tau, 1991, p. 85.

Bibliografia

DAREMBERG, Charles. *Dictionnaire des antiquites grecques et romaines d'apres textes et les monuments*. Paris : Hachette, 1877.

CARCOPINO, J. *Daily life in ancient rome : the people and the city at the height of the empire*. London : Penguin Books, 1956.

DELAINE, J.; JOHNSTON, D. E. (Ed.). *Roman Baths and Bathing. The Journal of Roman Archaeology. Supplementary series number 37*. Portsmouth, Rhode Island: JRA, 1992.

ÉTIENNE, Robert. *A vida quotidiana em Pompeia*, Lisboa, Livros do Brasil, 1965.

FAGAN, Garrett G. *The Genesis of the Roman Bath*. In: *American journal of archaeology*, 2001, vol. 105, no3.

GINOUVÈS, René. *Balaneutikè; recherches sur le bain dans l'antiquité grecque*. Paris, De Boccard, 1962.

GRIMAL, Pierre. *Las ciudades romanas*. Barcelona, Oikos-Tau, 1991.

HINGLEY, Richard. *Globalizing Roman Culture: unity, diversity and empire*. London, Routledge, 2005.

MAIURI, Amedeo. *Pompei. I nuovi scavi. La villa dei misteri l'antiquarium*. Roma, Libreria dello Stato, 1962;

MAU, August. *Pompei: It's life and art*. New York, Macmillan, 1904;

MUMFORD, Lewis. *A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PESANDO, Fabrizio; GUIDOBALDI, M. P. *Pompei, Oplontis, Ercolano, Stabiae*. Roma, Editori Laterza, 2006.

RICHARDSON, L. *Pompeii: an architectural history*. Baltimore, John Hopkins University Press, 1988.

SEAR, Frank. *Roman architecture*. London : Routledge, 1998.

VEYNE, Paul. “O Império romano”. In: ARIES, P., dir; DUBY, G., dir; *História da vida privada: v1, Do Império Romano ao ano mil* / [org] VEYNE, Paul. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

YEGÜL, F.K. *The Small City Bath in Classical Antiquity and a Reconstruction Study of Lucian's 'Baths of Hippias*. In: *Archeologia Classica*, No 31, Roma, L'Erma di Bretschneider, 1979.

ZANKER, Paul. *Pompeii : public and private life* . London : Harvard, 2001.

